

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 12, n. 11

DROGAS: UMA REFLEXÃO SOBRE ESSE FENÔMENO

CYBELLE MACENA DE ARAÚJO¹
EVERSON SERCUNDES DE LIRA¹
KAROLLAYNNE ALVES PESSOA¹
REJANE DIANE OLIVEIRA DA SILVA BRITO¹
MARIA DO SOCORRO FURTADO BASTOS²

Resumo

Presente em toda a história das civilizações até os tempos modernos, as drogas parecem ocupar hoje, um lugar singular na vida dos homens, e é partindo desse pressuposto que este artigo apresenta algumas considerações e reflexões acerca do fenômeno, retomando desde o surgimento e evolução, até suas implicações em relação ao indivíduo e as ramificações produzidas nas relações de uso e/ou abuso de substâncias.

Palavras-chave: *civilizações; drogas; substâncias.*

Abstract

Present throughout the history of civilizations to modern times, drugs seem to occupy today, a unique place in the life of men. It is based on this assumption that this article presents some considerations and reflections about this phenomenon, ranging from the emergence and evolution, to its implications in relation to the individual and the ramifications produced in the relations surrounding the use and or substance abuse.

Keywords: *Civilizations; Drugs; Substances.*

¹ *Graduandos de psicologia da faculdade de Ciências Humanas Esuda.*

² *Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o fenômeno droga tecendo considerações e reflexões no que concerne seu surgimento e evolução, bem como as contribuições de movimentos econômicos e políticos para sua produção e consumo desenfreado, procurando implicações com relação ao indivíduo e à própria droga.

Existem indícios de seu surgimento remontando a pré-história, onde as comunidades primitivas se organizavam ao redor de lideranças religiosas, para reverenciar, falar com Deus, prever o que poderia vir a acontecer e curar enfermidades. Na baixa idade média, as especiarias forneciam subsídios para a formulação de remédios. No Brasil, já na idade moderna, possivelmente a origem das drogas, tenha sido com os povos indígenas e no período denominado escravocrata.

Assim, um traço peculiar deste artigo é que procuramos compreender as drogas como objeto resultado de eventos políticos, econômicos e culturais, que culminam em mudanças de comportamento nas sociedades.

Posto isto, propomos estudar o fenômeno das drogas, a partir de várias nuances, tendo em vista reflexões que auxiliem no entendimento quanto ao percurso histórico, econômico e cultural dos psicoativos.

DROGAS: NOÇÕES HISTÓRICAS

Grande parte das pessoas entende 'droga' como algo proibido ou que traz danos ao indivíduo, Araújo (2014), assim, havemos de concordar, que o nome em si é um termo genérico, cujas representações sobre as substância podem ser as mais variadas possíveis. Bucher (1988), já referia que entre as classes sociais de um povo, há distinção quanto ao significado atribuído às drogas, sendo uma vertente que possui comportamento ritualístico e integrador de costumes e outra que se

contrapõe, marginalizando o uso e conseqüentemente o usuário de substâncias psicoativas.

É impossível pensar sobre drogas desconsiderando que seu uso principia a Antiguidade, onde todas as drogas existentes eram naturais como plantas, fungos, animais ou quaisquer outros organismos vivos, sendo o uso desses para fins de cura e experimentação espiritual (ARAÚJO, 2014). Data do Paleolítico Superior – cerca de 40 a 10 mil anos atrás – mesmo com a dificuldade de provar esses argumentos, cientistas consideram improvável que o homem não tenha encontrado plantas com efeitos alucinógenos, como sugerem pinturas da idade da pedra e evidências nos sítios arqueológicos como a fabricação de cordas com fibras de *cannabis sativa* nos sítios de 800 a. C. A cerveja é uma substância comumente consumida no mundo, cuja fabricação não sofreu grandes remodelações, até hoje sua presença encoraja grandes reuniões, banquetes e festas desde o Egito antigo (ARAÚJO, 2014).

Não por acaso, sociedades primitivas se organizavam em torno dos xamãs, curandeiros que dominavam tudo sobre substâncias alucinógenas. Suas religiões precediam a era cristã, e se popularizavam por proporcionar a cura de doentes, falar com Deus ou mesmo prever o futuro (ARAÚJO, 2014). Seu surgimento na América Latina se deve aos povos xamânicos da Sibéria, que ao migrar traziam não só os genes, mas a tradição de buscar drogas capazes de alterar a experiência sensorial.

Na passagem do século XV para o XVI, o consumo de drogas possuía uma característica ampla, contudo seu conceito era vago e excessivamente abrangente. Entretanto nesse mesmo século, a produção e o consumo das drogas se intensificam através do aumento no fornecimento de especiarias asiáticas e novas plantas que chegavam da América (CARNEIRO, 1994). A igreja passava por uma crise na qual restrições ao uso de plantas foram vistas por muitos como ultrapassadas, possibilitando os alquimistas investir em novas fórmulas sem medo de represálias religiosas.

Entre o Renascimento e a baixa Idade Média foi possível discriminar dois tipos de uso social das drogas, pois nas classes abastadas o consumo de especiarias gastronômicas confunde-se com a busca de remédios exóticos cuja eficácia era medida pelo valor que custavam as substâncias, sendo assim era comum os ricos experimentarem pérolas, âmbar e pedras preciosas, já os

considerados “miseráveis” utilizavam ervas populares para inúmeras finalidades (CARNEIRO, 1994).

Sobre isso, a primeira guerra envolvendo o contexto drogas foi chamada de a guerra do Ópio e ocorreu em 1839, quando um imperador chinês (Lin Tso-Siu), em nome da saúde pública, decidiu apreender e destruir um carregamento de toneladas de ópio, deixando a Inglaterra insatisfeita. Mais tarde, em 1857, novamente uma guerra seria anunciada tendo como fato preponderante um incidente com uma embarcação inglesa, ou seja, condições similares à primeira, contudo a segunda guerra contava com a adição da França pelo interesse que o país possuía nesse tipo de comércio, a Inglaterra sai vencedora do embate e impõe condições sobre a China. O comércio da substância entre tais nações tem seu fim apenas em 1917 (FERNANDES e FUZINATTO, 2012).

Em 1909, em Xangai, ocorreu a primeira proibição das drogas através de uma comissão cujo objetivo era criar restrições sobre produção, venda e consumo de drogas estimulantes. No mesmo período, os Estados Unidos convocam a Comissão de Haia, para ratificar os acordos iniciados, tendo margem para se pensar em acordos internacionais (FERNANDES e FUZINATTO, 2012). Embora o proibicionismo, tenha deixado explícito a competitividade econômica entre os países já citados, foi nos Estados Unidos que a proibição se transforma em prioridade política.

Em 1919, com a criação da chamada Lei Seca, eclodiu a primeira rede de traficantes e organizações clandestinas, que na tentativa de suprir o mercado ilícito, traziam como consequências a produção de substâncias sem qualquer controle, tornando-as muito mais nocivas à saúde (FERNANDES e FUZINATTO, 2012).

Desse modo, drogas antes produzidas por meio de processos naturais de extração, sejam de plantas, fungos ou organismos vivos, passaram a ter sua origem também em detrimento de diversos processos laboratoriais, criando-se uma nova categoria: as drogas sintéticas, que apesar de feitas de forma artificial são desenvolvidas com o intuito de obter os mesmos resultados que as produções do nosso corpo (ARAÚJO, 2014).

Esse contexto, muito se parece com a divisão até hoje explícita que se faz entre os usuários de crack e outras drogas, Souza (2016) refere-se ao crack, relatando que contém a mesma base para produção da cocaína, entretanto é geralmente referenciado como o “lixo” das drogas, tal denominação foi atribuída pelo senso comum e pelos próprios usuários diante do conhecimento de que era uma forma não pura da cocaína e que havia diversos outros elementos e muitas vezes inseguros para o consumo. O que infelizmente legitima erroneamente a condição de quem o consome. A fala a seguir traz a sensação, a visão de um usuário e da sociedade sobre ele segundo ele.

Eu era um lixo, eu vivia no meio do lixo. A única diferença entre eu e o lixo é que para as pessoas o lixo é reciclável, e eu não era... 23 O termo “pobreza social” se refere às fontes de possível enriquecimento da subjetividade individual, pobreza social aqui é ter acesso negado ou precário a essas fontes. 202 Os meus irmãos e parentes quando me viam atravessavam a rua, se escondiam de mim. Quando eu via minhas filhas, eu me escondia, tinha vergonha que elas me vissem assim... Eu queria morrer, mas não tinha coragem para me matar, eu rezava para Deus me levar, eu não queria acordar vivo... não tinha nada no mundo, eu queria me recuperar para poder me apresentar de novo para minhas filhas...(SOUZA, 2016, p. 201).

De acordo com Fernandes e Fuzinatto (2012), após os primeiros vinte e cinco anos do século XX, surge o conceito lícito e ilícito para uso e consumo das drogas, sendo o primeiro referente a gama de substâncias permitida por lei. Essas diferenciações emergiram em detrimento de disputas principalmente econômicas, como a ascensão do capitalismo. A consolidação do proibicionismo se deu numa conjunção de fatores que incluem radicalização política, interesse da indústria médico-farmacêutica, conflitos geopolíticos desse período e o temor das elites aterrorizadas com a desordem urbana (FIORE, 2012).

Por volta da década de 60 a ideologia libertária¹ buscava fugir da tradicional estrutura social e cultural do ocidente, tentando fugir da instauração do modelo médico sanitário, que define o usuário de drogas como sinônimo de dependência e o traficante de criminoso (FERNANDES e FUZINATTO, 2012 apud D’ELIA FILHO, 2007). Em 1972, ocorre a chamada “guerra às drogas”, promovida pelo presidente dos Estados Unidos e que assume patamar internacional, possibilitando a Convenção Única da ONU sobre psicotrópicos.

¹ Termo abordado por diversos autores entre eles, Michael J. Sandes. 2012, cujas ideias fazem referência a liberdade de escolha, fazendo-nos pensar se somos donos de nós mesmos (DA SILVA, 2015)

DEFINIÇÕES ENVOLVENDO AS DROGAS E O USUÁRIO

A concorrência pelo comércio de drogas ilícitas em meados do século XX não só popularizou essas substâncias oferecendo mais opções aos consumidores, mas também trouxe problemas quanto ao tráfico em graus elevados, como os que envolvem a saúde pública, bem como a degradação de vínculos sociais em larga escala, logo identificar as drogas como sintéticas, semissintéticas e naturais possibilitou ter parâmetros junto aos órgãos competentes, a exemplo da ONU, citada anteriormente, para esboçar perfis de usuários. Conforme Araújo (2014) as semissintéticas exigem algum procedimento laboratorial para possibilitar o consumo das substâncias contidas em sua forma natural, as remodelações químicas viabilizam, por exemplo, a absorção do tabaco, maconha, cocaína e do álcool. Assim, drogas fabricadas pela indústria farmacêutica com finalidade médica também seguem a mesma classificação, sintéticas para as reproduções químicas sem substrato natural e semissintéticas para as que derivam de compostos naturais

Visto isto, ao explicar sobre substâncias psicoativas, podemos correr o risco de associá-las a ideia de que todos os usuários são dependentes, sendo que a dependência pode ocorrer sob duas classificações, que segundo Bucher (1988), poderá ser física ou psíquica, sendo a primeira composta por três fatores: a tolerância farmacológica que o indivíduo desenvolve, a compulsão pela conquista do produto, e o conjunto de reações denominadas síndrome de abstinência. Bucher (1988) entende que o comprometimento psíquico quanto ao uso da droga acontece em decorrência das alterações no Sistema Nervoso Central que reconhece a sensação de prazer e euforia sob a ótica do sujeito. Sendo assim, a dependência de ordem psíquica estaria relacionada à busca irrefreável da reexperimentação.

Essa reexperimentação, por sua vez pode ocasionar um evento denominado escalada, o qual Araújo (2014), trata como principal característica a ingestão de doses cada vez mais altas, podendo ocasionar a chamada overdose. Nesse âmbito, Bucher, (1988) problematiza a possibilidade da overdose vir associada à depressão e de como isto pode ser resultante do processo de escalada. Logo, declara que:

A escalada pode ser definida como a passagem de um consumo ocasional para um consumo toxicomaniaco. Pode ser vista também como a passagem

de uma droga “leve” para uma outra mais “pesada”. No entanto, essas definições são puramente descritivas, não levando em conta os vários aspectos da questão (BUCHER, 1988, p.13).

Sendo assim há como possível viés de pensamento os fatores psicológicos de envolvimento do sujeito em diversas formas com a substância, como a depressão supramencionada, por exemplo. Nem análises bioquímicas são capazes de explicar a capacidade que o indivíduo tem em aturar as doses acessadas de maneira abundante, aponta-se apenas como índices de resistência ou tolerância farmacológica, ambos individuais.

OBSERVAÇÕES SOBRE O USUÁRIO, AS DROGAS E O MEIO

Ao considerar o uso exacerbado de substâncias psicoativas na contemporaneidade de maneira geral, principalmente enquanto objeto acessório na vida do sujeito, Bucher (1988), aponta que ao se tornar um usuário habitual, o indivíduo pode sofrer rupturas com um dos âmbitos sociais, se esses não estiverem organizados na em sua vida. Assim, podemos inferir que tal rompimento pode ocorrer nos ambientes escolar, laboral, familiar, espiritual e etc. Segundo ele, tais rompimentos tornar-se-iam o grau mais elevado da consequência do uso desenfreado.

A droga, antes tida como substância de uso coletivo, auxiliadora de vínculos, ingrediente de importância em cerimônias espirituais² e/ou religiosas e para obtenção de prazer, atualmente é utilizada como refúgio individual, promovendo prisões sociais. Araújo (2014) em acordo com Bucher (1988) expõe quanto o que tange este cenário abarca diversos fatores, a começar pelo excesso no consumo. Outra questão observada pelo autor demonstra que o mercado ilegal de substâncias psicoativas é marcado pela morte de traficantes decorrente da concorrência entre eles e também pelo receio da prisão. Outro ponto referido são as “empresas” desse ramo que se mostram estrategistas, ao se adaptar buscando aumentar a eficiência na produção e reduzir custos. Assim, pessoas tornam-se usuários e são cada vez mais estigmatizadas, ficando fadadas ao mundo da criminalidade, mesmo que não tenham relação direta com o tráfico.

² No Brasil, o uso de alucinógenos é proibido, mas há seitas como a Santo Daime que utiliza Ayahuasca (*Daime*) ou a Seita da União Vegetal que se vale de Hoasca (*Vegetal*), chás alucinógenos preparados por meio de cozimento, para utilização comunitária, coletiva e sempre nesse contexto espiritual (BUCHER, 1988).

Em paralelo a isso o comércio legalizado, tem grande participação no meio social, chegando a apresentar uma interação cultural através de algumas substâncias como o tabaco e o álcool em suas diferentes formas (ARAÚJO, 2014). Assim, quando a substância é legal, a produção e distribuição são organizadas por instituições globais, gerando inclusive ocupação de espaço afetivo na vida do sujeito, muitas vezes mascaradas pela mídia e aliada a aceitação da cultura.

Nessa conjuntura, possibilita pensarmos em que lugar está o sujeito, produzido e moldado para ser resultado do consumo ou do tráfico, qual a imagem psicossocial o sujeito nesse meio tem? Para Fernandes e Fuzinato (2012), a proibição de qualquer substância que contemple demanda na sociedade origina um mercado ilegal para alimentar seu consumo, e ainda preconiza a criminalização da pobreza envolvida nesse processo. Em meio às caracterizações sobre o lícito e ilícito, uma grande massa de usuários adoece não somente a si, mas a seus entornos, provocando ramificações cada vez mais difíceis de serem atenuadas.

Ao pensar sobre o sujeito, enxergamos como resultado do acúmulo intersubjetivo de valores por parte do indivíduo e de sua trajetória, Souza (2016 apud LUHMANN, 1995) traz como problemática a noção de pessoal que consiste na compilação estrutural entre o sistema psíquico e sistemas sociais. Sendo assim, os sistemas sociais podem ser infinitamente prejudiciais para a ideia de cuidado que o usuário de psicoativos, por exemplo, tem sobre si e os outros. Levando em consideração todo o histórico proibicionista e criminoso no qual a droga assume quase um papel de escudo sobre o indivíduo é que vale refletir, onde estão os limites entre o sujeito e a substância psicoativa?

O abandono afetivo e social, além da experiência silenciosa de humilhação pode tornar-se as principais causas do aprisionamento à droga. Nesse sentido o cotidiano proposto por Souza (2016) é formado por algumas nuances e a presença da psicopatologia na vida do usuário de substâncias psicoativas é uma delas.

Considerando a gama de aspectos sentimentais do sujeito, surgem relatos da necessidade de apoio como o descrito abaixo, por um usuário de crack:

(...) a única coisa que eu tenho medo, se for pra mim falar assim, é de ter uma pessoa na minha vida que não tem controle emocional. Porque eu, já que eu tenho problema com as emoções, que eu acho que o que libera a

nossa compulsão, de pessoas como eu, que essa predisposição, é as oscilações do sentimental, das emoções, então eu tenho que tá com uma pessoa que é forte emocionalmente (SOUZA, 2016, p.172)

Sobre as trajetórias que podem ser percorridas por esse sujeito, Souza (2016) conceitua três – são elas: a trajetória psicótica, decorrente de possíveis transtornos, aliada a falta de apoio social, apresenta constante desordem mental e discursos imateriais. Esse tipo de usuário não tem condições de buscar mudança de realidade. A segunda classificação é a chamada preservadora do passado e o perfil desse sujeito é a dificuldade para amadurecer psicologicamente, a vontade de conhecer o mundo e acentuado temperamento extrovertido, com destaque para dificuldade da família em lidar ou direcionar tal comportamento. A terceira e última é a do presente absoluto, pois os tratamentos psicológicos não surtem efeito pela frequente evasão e alto índice de recaídas. Para ele uma capacidade importante que essas pessoas perderam é a de projetar o futuro, resultando em um rompimento das esferas de convivência social e pessoal e do autodomínio.

A análise de Souza (2016) se dá a partir de experiência empírica com um determinado grupo de usuários de crack e outras drogas, não sendo, portanto, apesar da fidedignidade dos fatos, uma verdade absoluta para conceituar todo e qualquer usuário de psicoativos, é um recorte de um grupo, onde para àqueles indivíduos a drogas tem determinado espaço em suas estruturas de vida.

CONDISERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o contexto das drogas e suas diversas facetas no que tocam o indivíduo e sua história, implica compreender a droga como fenômeno atemporal, cujos indícios de utilização milenar, e principalmente onde o uso não oferecia riscos à humanidade. Logo, comunidades e/ou tribos, usufruíam de psicoativos a fim de “alimentar a alma”, fortalecer os ritos espirituais, curar doenças e outras finalidades. Nesse espaço as drogas funcionavam como ingrediente centrado principalmente nos ambientes coletivos, o que é discrepante com o que acontece na contemporaneidade.

No início do século XX ocorreu a que seria a primeira guerra impulsionada pelo fenômeno das drogas, a guerra do ópio atuou como disparadora para uma série de bombardeios que marcaram um momento que se posterga até hoje: o combate

às drogas. A partir desse conceito, se estabeleceu uma ideia sobre as substâncias, igualmente no que concerne o sujeito, cujas disjunções não poderiam ser piores. Movida por interesses econômicos e políticos, as divisões feitas em torno do que seria lícito e ilícito, no campo dos psicoativos, criou organizações de traficantes, além de um mercado não permitido, que emergiu para suprir o comércio ilícito. Tais acontecimentos trouxeram o objeto das drogas para evidência, inclusive deturpando o fator humano envolvido.

Nesse universo há um espaço ocupado significativamente pela população consumidora de substâncias psicoativas pertencente às classes menos favorecidas, como reflexo há o fortalecimento das transações ilegais, sustentadas pelo discurso da proibição, cujo peso é calculado e sustentado por uma grande parcela da sociedade que se beneficia de tais relações. Faz-se importante esclarecer que por trás da abertura do comércio ilegal de psicoativos, juntamente com o aumento na produção de substâncias de forma clandestina, foi possível também a elevação do número de consumidores e compradores, alimentando um mercado não lícito.

Nesse cenário caótico do ponto de vista da saúde pública, a violência, ocasionada pela produção de psicotrópicos cada vez mais variados, confeccionados em grande escala, diversas caracterizações acerca das drogas e consumidores foram criadas e estudadas na tentativa de entender o fenômeno da droga, contemporaneamente dito como “perigoso” na vida das pessoas. Dentre as diversas classificações o usuário pode ser experimentador ou habitual e é sabido que a natureza da substância pode ser categorizada como sintética, semissintética e natural. Tais denominações trazem consigo muita ideologia disfarçada ao falar sobre o usuário ou mesmo o esquema que compõe o âmbito das drogas.

Fato é que atualmente, é difícil para grande parte da sociedade perceber o sujeito que se esconde por trás da substância. Ou seriam as drogas que se escondem por trás do indivíduo? Ou seriam a droga e o indivíduo pontos de um mesmo emaranhado de relações e que coexistem? Sendo a relação de dependência uma forma não salutar estabelecida, a compreensão de psicoativos enquanto objeto na vida desse usuário, torna-se difícil no momento em que a busca descontrolada pela reexperimentação desse, ultrapassa os limites da saúde física e mental de si e dos outros.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. Almanaque das drogas. 2º ed., São Paulo: Leya, 2014.
- BUCHER, R. (org). As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1988.
- CARNEIRO, Henrique. As drogas: o objeto da nova história. Revista USP, 1994.
- FERNANDES, Wagner Ribeiro; FUZINATTO, Aline Matos. DROGAS: PROIBIÇÃO, CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA E MÍDIA. 1º Congresso Internacional De Direito Contemporâneo. Santa Maria RS. 30, 31/05 e 01 de jun./2012.
- SOUZA, J. Crack e exclusão social. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretária Nacional de Política sobre Drogas, 2016.
- IORE, Maurício. O LUGAR DO ESTADO NA QUESTÃO DAS DROGAS: O PARADIGMA PROIBICIONISTA E AS ALTERNATIVAS. Novos Estudos. 92, março, 2012 p. 9-21.
- DA SILVA, Claudilma Marques Mendes et al. Contracultura x Cauda longa: o movimento Hippie e seu legado, 2015.